CORREIO BRAZILIENSE

TARCÍSIO HOLANDA Eleição Presidencial

# Um pontapé na sorte

24 NOV 1989

O deputado Delfim Netto costuma dizer que os candidatos selecionados para disputar o segundo turno equivalem a caixas pretas cujo segredo só poderá ser revelado depois do desastre. Esta é uma impressão generalizada no Congresso, da qual partilham alguns políticos de esquerda e, paradoxalmente, expressões do meio militar.

Parece óbvio que o candidato do Partido dos Trabalhadores provoca grande desassossego na sociedade, na medida em que representa um partido marcado pela presença, entre seus aguerridos militantes, de algumas correntes ideológicas nitidamente sectárias, as quais poderão exercer influência perturbadora sobre o processo de transição democrática.

Pessoalmente, Lula não sofre tantas restrições. Alguns dos seus companheiros são reconhecidos como social-democratas, como é o caso do deputado Plínio de Arruda Sampaio, o líder da bancada na Câmara, ou do deputado carioca Wladimir Palmeira, ambos políticos de grande lucidez. O problema é a militância radical que contesta qualquer contemporização e combate qualquer idéia de alianças políticas e sociais mais amplas.

Por isso, ainda é uma incógnita se Lula e seus aliados conseguirão vencer as duras resistências desses grupelhos, para afirmar a necessidade das alianças como imperativas e próprias da natureza da eleição do segundo turno. E fazer aliança importa não abdicar do programa do partido, mas aceitar idéias e princípios dos partidos coligados, o que certamente contribuiria para moderar o andar da carruagem no PT. Esses partidos estão em estado de expectativa a fim de que a cúpula petista revele se vai impor ritmo mais moderado ou ceder ao apelo dos radicais.

O sectarismo já fez os seus estragos. Em Santa Catarina, repeliu o apoio do governador Pedro Ivo, que teve de engolir em seco o desagradável constrangimento. O mesmo aconteceu no Rio Grande do Norte, onde um prócer do PT ocupou a estação de televisão de Aluísio Alves para dizer que Lula não aceitaria o apoio do PMDB e da família Alves, que disputa com os Maia o domínio político daquele estado. "Nós poderíamos dar 200 mil votos a Lula", lamenta, contrafeito, o deputado Henrique Alves.

PSDB, PDT e PMDB podem apoiar formalmente o candidato do PT sem mover uma palha em seu favor. E é para isso que se inclinam suas principais lideranças, aparentemente perplexas com o alucinado patrulhamento exercido pelos militantes sobre dirigentes e líderes petistas. Ataques ao deputado Ulysses Guimarães obrigaram o líder Ibsen Pinheiro a dizer a seu colega, o líder do PT, deputado Plínio de Arruda Sampaio, que o PMDB exige respeito, não pleiteia cargos.

Por essa e por outras, muitos esperam um aprofundamento da crise, como os presidentes da Câmara e do Senado, deputado Paes de Andrade e senador Nelson Carneiro, que decidiram manter imparcialidade, em face da disputa para influir na eventualidade de uma crise institucional.